



BOLETIM


GEOCORRENTE

01 de julho de 2020

ISSN 2446-7014

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

ANO 6 • N° 119



BALTOPS 2020: O MAR BÁLTICO ENTRE A OTAN E A RÚSSIA

ESTE E OUTROS 14 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO



O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção “Temas Especiais”.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

DIRETOR DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE PAULO CÉSAR BITTENCOURT FERREIRA

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE (RM1) MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E SILVA

CONSELHO EDITORIAL

EDITOR RESPONSÁVEL

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) LEONARDO F. DE MATTOS (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) FRANCISCO E. ALVES DE ALMEIDA (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

1º TENENTE (RM2-T) JANSEN COLI CALIL N. A. DE OLIVEIRA (EGN)
JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)
NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-Rio)

DESIGN GRÁFICO

MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)

DIAGRAMAÇÃO

RODRIGO ABREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)
PEDRO DA SILVA DE ALBIT DE PENEDO (UFRJ)

PEQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

ÁFRICA SUBSAARIANA

BRUNO GONÇALVES (UFRJ)
FRANCO NAPOLEÃO A. DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-Rio)
ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)
JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)
VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UFRJ)

AMÉRICA DO SUL

ADRIANA ESCOSTEGUY MEDRONHO (EHESS)
BEATRIZ MENDES GARCIA FERREIRA (UFRJ)
CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (UFRJ)
GABRIELA DE ASSUMPTÃO NOGUEIRA (UFRJ)
JOÃO FELIPE DE ALMEIDA FERRAZ (UFRJ)
PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIV. DE SANTIAGO)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)
ANA CLÁUDIA FERREIRA DA SILVA (UFRJ)
CAROLINA CÔRTEZ GÓIS (PUC-Rio)
JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)
VICTOR CABRAL RIBEIRO (PUC-Rio)
VICTOR EDUARDO KALIL GASPARG FILHO (EGN)

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 350 palavras ao processo avaliativo por pares.

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GECORRENTE, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)
GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)
LAILA NEVES LORENZON (UFRJ)
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-Rio)
RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

EUROPA

ARIANE DINALLI FRANCISCO (UNIVERSITÄT OSNABRÜCK)
GLAYCE KEROLIN RODRIGUES MAXIMIANO (UFRJ)
MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)
MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)
NATHÁLIA SOARES DE LIMA DO VALE (UERJ)
THAÍS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

LESTE ASIÁTICO

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILO CUQUEJO (IBMEC)
MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (IBMEC)
PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)
RODRIGO ABREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)
VINICIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)
ANDRÉ FIGUEIREDO NUNES (ECEME)
ISADORA NOVAES DOS SANTOS BOHRER (UFRJ)
DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)
PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)
SHAKILA DE SOUSA AHMAD (UFRJ)

RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)
LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)
PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)
PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

IASMIN GABRIELE NASCIMENTO DOS SANTOS (UFRJ)
MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)
THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)
VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

SUL DA ÁSIA

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)
MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)
REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

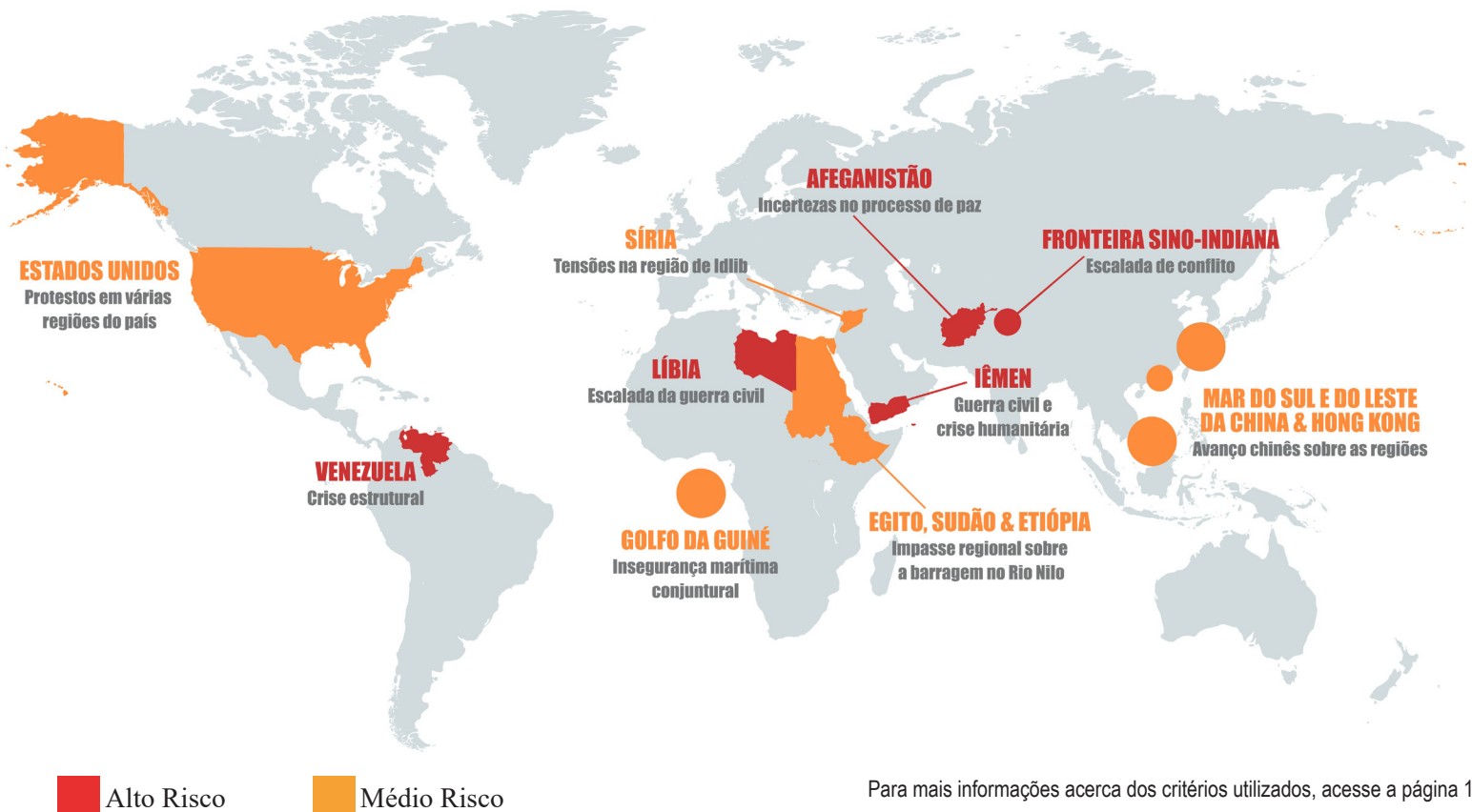
ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)
LOUISE MARIE HUREL SILVA DIAS (LONDON SCHOOL OF ECONOMICS)

ÍNDICE

| | | | |
|--|----|--|----|
| AMÉRICA DO SUL | | LESTE ASIÁTICO | |
| Acordo Mercosul-União Europeia e a geoeconomia global | 5 | O Esquadrão de Operações Espaciais do Japão..... | 11 |
| AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL | | SUL DA ÁSIA | |
| Ataques no Golfo do México preocupam petrolíferas | 5 | Possível base militar chinesa nas Maldivas e os interesses indianos..... | 12 |
| ÁFRICA SUBSAARIANA | | SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA | |
| Walvis Bay entre a projeção estratégica da Namíbia e a aproximação da China..... | 6 | Austrália: pandemia, economia e perspectivas futuras | 12 |
| O processo de construção de paz sustentável sudanesa e os próximos passos das Nações Unidas no país..... | 7 | Aumentam as tensões entre China e Vietnã | 13 |
| EUROPA | | ÁRTICO & ANTÁRTICA | |
| BALTOPS 2020: o Mar Báltico entre a OTAN e a Rússia | 8 | Noruega ratifica acordo internacional sobre pesca no Ártico | 14 |
| ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA | | TEMAS ESPECIAIS | |
| O controle de Socotra e os recentes acontecimentos na guerra civil iemenita..... | 9 | Regulação de navios autônomos | 15 |
| RÚSSIA & Ex-URSS | | Artigos Selecionados & Notícias de Defesa..... | 16 |
| A reunião trilateral Rússia-Índia-China e o Triângulo Estratégico de Primakov | 9 | Calendário Geocorrente..... | 16 |
| Rússia declara estado de emergência após derramamento de óleo na Sibéria .. | 10 | Referências..... | 17 |
| | | Mapa de Riscos..... | 18 |

10 PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19



Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 18.

ACOMPANHAMENTO COVID-19

PRINCIPAIS PAÍSES AFETADOS PELA COVID-19

Dados segundo o "Situation report – 162", da OMS, publicado no dia 30 de junho de 2020.



| ACOMPANHAMENTO DOS PAÍSES | | | | | | |
|---------------------------|----------------|-------------------------|---------------------------|--------------------------|-----------------------------|------------------------------|
| # | País | Nº de casos registrados | Novos casos (últimas 24h) | Nº de óbitos registrados | Nº casos/100 mil habitantes | Nº mortes/100 mil habitantes |
| 1º | ESTADOS UNIDOS | 2.537.636 | 41.008 | 126.203 | 775,64 | 38,57 |
| 2º | BRASIL | 1.344.143 | 30.476 | 57.622 | 641,69 | 27,51 |
| 3º | RÚSSIA | 647.849 | 6.693 | 9.320 | 448,34 | 6,45 |
| 4º | ÍNDIA | 566.840 | 18.522 | 16.893 | 41,91 | 1,25 |
| 5º | REINO UNIDO | 311.969 | 814 | 43.575 | 469,21 | 65,54 |
| 6º | PERU | 279.419 | 3.430 | 9.317 | 873,48 | 29,13 |
| 7º | CHILE | 275.999 | 4.017 | 5.575 | 590,71 | 11,93 |
| 8º | ESPANHA | 248.970 | 200 | 28.346 | 532,86 | 60,67 |
| 9º | ITÁLIA | 240.436 | 126 | 34.744 | 397,87 | 57,49 |
| 10º | IRÃ | 225.205 | 2.536 | 10.670 | 275,31 | 13,04 |
| 17º | ÁFRICA DO SUL | 144.264 | 6.130 | 2.529 | 249,68 | 4,38 |
| 72º | AUSTRÁLIA | 7.767 | 81 | 104 | 31,08 | 0,42 |

Fontes: Organização Mundial da Saúde; Banco Mundial

Acordo Mercosul-União Europeia e a geoeconomia global

Carlos Silva Júnior

O Tratado de Livre Comércio Mercosul-União Europeia chegou à conclusão da negociação em junho de 2019, após 20 anos. Contudo, em junho de 2020, o Parlamento holandês foi contrário à assinatura do tratado, alegando uma competição desigual no mercado agropecuário e levantando uma preocupação com a ausência de cláusulas ambientais mais rígidas. Estas funcionariam como um impeditivo ao crescente desmatamento da Floresta Amazônica e como reguladoras da produção agrícola, que pode ter sua fronteira ampliada em consequência do desmatamento e é questionada quanto ao uso de agrotóxicos.

Essa rejeição holandesa soma-se às oposições manifestadas em 2019 pela Áustria, França, Irlanda e Luxemburgo, sustentadas pelos incêndios na Amazônia à época, bem como às pressões de movimentos ambientalistas, grupos do setor agropecuário e a onda *anti-free trade*. Do lado sul-americano, o vice-ministro paraguaio das Relações Econômicas e Integração, Didier Olmedo, credita a recente oposição ao momento de renegociação dos subsídios estatais à produção agrícola no bloco europeu.

Além da redução gradual das tarifas em bens industriais

e agropecuários, pontos principais, o acordo destaca-se por alcançar as atividades marítimas, pela primeira vez. Isso representa uma grande oportunidade para o bloco europeu diante das divergências entre os membros do Mercosul sobre o Acordo Multilateral de Transporte Marítimo. Contudo, a expectativa do aumento desse tipo de serviço, tanto na demanda por frete marítimo quanto no volume de containeres, em consequência do aumento do comércio somado à eliminação de barreiras tarifárias, tende a ser revista com os impactos da pandemia da COVID-19 na economia global.

Portanto, as oposições nacionais notadas pairam como uma incerteza sobre o sucesso do acordo, ainda que sua aprovação e ratificação sejam flexibilizadas dentro dos processos internos do bloco europeu. Alerta-se quanto à projeção de influência global da União Europeia através da economia, de forma especial no Mercosul, do qual é o segundo maior parceiro comercial, perdendo apenas para China, que também mantém fortes investimentos em infraestrutura na região. Ademais, evidencia-se que a ausência de liderança na América do Sul distancia a região do anseio de ser um ator dentro da geoeconomia global, participando então como mercado a ser disputado.

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Ataques no Golfo do México preocupam petrolíferas

Victor Cabral

Em abril de 2020, diversas embarcações e plataformas de petróleo *offshore* sofreram ataques no Golfo do México. Os incidentes ocorreram entre os estados mexicanos de Tabasco e Campeche, região conhecida por casos de roubos armados contra instalações e embarcações no mar. Segundo a Marinha Mercante mexicana, houve um aumento de 310% de ataques às embarcações comerciais, entre 2016 e 2018, no litoral do país, sendo que mais de 180 casos teriam sido reportados apenas no Golfo do México, em 2019.

Em um caso recente, da embarcação *Sapura 3500*, de bandeira panamenha, assaltantes atiraram de lanchas para invadirem, entretanto, a tripulação mobilizou-se para evitar o ataque, acionando os propulsores do navio e, assim, evitando a aproximação dos criminosos. Em contrapartida, o navio *Remas*, de bandeira italiana,

foi assaltado na região duas vezes no mesmo semestre. Sua tripulação foi feita refém enquanto os assaltantes armados saquearam a embarcação.

Os ataques direcionados aos navios e plataformas *offshore* do ramo petrolífero mexicano preocupam as autoridades, por sobrecarregarem ainda mais as Forças Armadas do México e por incentivarem a queda do investimento estrangeiro no setor, pela insegurança dos mares. Os roubos visam custosos equipamentos de comunicação e navegação, combustível, motores, luzes das plataformas de pouso de helicópteros, tanques de oxigênio e até mesmo barris de petróleo, causando prejuízos bilionários à estatal petrolífera mexicana, PEMEX.

Em 17 de junho de 2020, o governo dos Estados Unidos da América (EUA) emitiu alerta sobre o perigo >>>

de ataques desse tipo no Golfo do México, especialmente na Baía de Campeche, onde se localizam boa parte dos poços de petróleo *offshore*. Suspeita-se que os cartéis do crime organizado estejam investindo nesses ataques às embarcações e plataformas como uma forma de diversificar rendimentos financeiros, especialmente no momento de crise financeira pela pandemia da COVID-19. Ao mesmo

tempo, a Marinha mexicana expandiu a vigilância na região com aumento de patrulhas na baía, alertando para a possibilidade de conluio entre os tripulantes e os assaltantes, algo rechaçado pela comunidade mercante, que devolveu a acusação ao Comando da Marinha.



ÁFRICA SUBSAARIANA

Walvis Bay entre a projeção estratégica da Namíbia e a aproximação da China

João Victor Marques Cardoso

Em maio de 2020, a mineradora australiana *Lepidico* publicou o projeto de viabilidade de exploração de lítio em Karibib, na Namíbia, que requer um investimento inicial de US\$ 139 milhões para produzir anualmente 4.900 toneladas, por 14 anos. Considerado um insumo fundamental para o desenvolvimento de baterias, o lítio é estrategicamente relevante na cadeia produtiva de veículos elétricos, cujas vendas aumentaram 64% em 2018. A África detém 30% das reservas mundiais do minério, sendo o Zimbábue e a Namíbia seus principais produtores. Com isso, os corredores logísticos da África Austral capturam a atenção de investidores externos, como os da China.

Em agosto de 2019, foi inaugurado no porto namibiano de Walvis Bay um novo terminal de containeres com 40

hectares e custo de US\$ 245 milhões, após cinco anos em construção pela *China Harbour Engineering Company*. Com a capacidade de movimentação ampliada para 750 mil toneladas, Walvis Bay busca se tornar um *hub* comercial regional, especialmente aos países sem acesso ao mar da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral, já que se conecta via corredores logísticos aos cinco países vizinhos mais a República Democrática do Congo. Zimbábue e Botsuana, por exemplo, possuem portos secos em Walvis Bay. Dessa forma, a melhoria da infraestrutura se alinha à afirmação do embaixador chinês na Namíbia, Zhang Yiming, de que o terminal estaria pronto para trabalhar ao lado da Iniciativa do Cinturão e Rota.

Com trinta anos de relações diplomáticas, China e »

Namíbia têm desenvolvido uma parceria estratégica, embora a proximidade com o *South West Africa's People Organisation (SWAPO)*, partido dominante e antigo movimento de liberação, preceda a independência nacional. As relações amistosas, no entanto, podem se revelar problemáticas com o aprofundamento da dependência do país à exploração de diamantes, urânio e lítio. A economia torna-se vulnerável ao baixo ciclo das commodities, o que impactou em consecutivas

reduções da nota de crédito e na recessão econômica de 2019. Somado à sensibilidade climática, cujos efeitos prolongam a seca, aumentam a importação de alimentos e reduzem a disponibilidade de recursos marinhos vivos, a Namíbia precisa dar continuidade à visão logística de integração regional e, sobretudo, valorizar sua posição estratégica nas cadeias globais para além do extrativismo mineral.



O processo de construção de paz sustentável sudanesa e os próximos passos das Nações Unidas no país

Vivian Mattos

A licerçada pelo capítulo VII da Carta das Nações Unidas, a *United Nations African Union Hybrid Operation in Darfur (UNAMID, sigla em inglês)*, desde 2007, tem o objetivo de proteger os civis, providenciando ajuda humanitária perante os conflitos em Darfur. O projeto de *peacekeeping* teria seu término em outubro de 2020, porém com o avanço da COVID-19, o Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) postergou o fim do mandato para 31 de dezembro de 2020. Um relatório da Organização apresentou que o país ainda enfrenta violência contra civis e fragmentações internas, mesmo após a saída do ex-presidente Omar Al-Bashir, em 2019.

Neste cenário de hostilidade que o atual primeiro-ministro sudanês, Abdalla Hamdok, solicitou à ONU

uma nova missão política de caráter *peacebuilding* embasada no capítulo VI da Carta da Organização. No início de junho, o CSNU determinou o estabelecimento de uma nova missão de paz, a *United Nations Integrated Assistance Mission in Sudan (UNITAMS, sigla em inglês)*. Esta terá vigência inicial de um ano e seus principais objetivos serão: i) auxiliar o processo de transição democrática, mantendo a segurança das instituições; ii) dar suporte ao processo de construção da paz por meio da implantação de acordos em áreas de conflito; iii) auxiliar o apoio internacional às reformas econômicas, dando suporte e coordenando assistências humanitárias para o desenvolvimento econômico sudanês.

Ademais, na Agenda de desenvolvimento econômico sustentável na região, cerca de 50 países como EUA, membros da UE e países árabes, prontificaram-se em auxiliar economicamente a transição democrática do Sudão investindo US\$ 1,8 bilhão. Faz-se necessário salientar que o principal parceiro comercial e financiador de projetos de desenvolvimento / infraestrutura no Sudão e do Sudão do Sul é a China. Atualmente, 57% das tropas chinesas participantes de missões de paz da ONU estão

concentradas entre as missões nos dois países. Além disso, a China tem importantes investimentos voltados para exploração de petróleo na região, tendo como principal local de escoamento de produção o Porto Sudão, localizado no Mar Vermelho. Posto isto, a pacificação e a transição democrática do Sudão terão impactos no arranjo econômico regional e tornarão a região ainda mais atrativa aos interesses chineses.

EUROPA

BALTOPS 2020: o Mar Báltico entre a OTAN e a Rússia

Thaís Dedeo

Entre os dias 07 e 16 de junho deste ano, a OTAN realizou o 49º BALTOPS, o maior exercício multinacional anual, que ocorre na região báltica, próximo à fronteira russa. Ele tem o objetivo de aumentar a interoperabilidade e a eficácia de operações conjuntas entre 19 países membros em uma eventual necessidade de defender o Mar Báltico. Vale ressaltar que exercícios militares realizados no norte da Europa foram ampliados desde a anexação da Criméia pela Rússia em 2014, e esta parece ser uma tendência estratégica da OTAN

Se o BALTOPS de 2019 alcançou proporções não vistas desde os últimos dez anos, o exercício militar de 2020 foi reduzido: contou com 28 navios e 3.000 militares, comparados aos 50 navios e 8.600 militares do ano anterior. Neste ano, os treinos foram voltados para as áreas de defesa antiaérea, combate antissubmarino, interdição marítima e operações de contramedidas de minas. Ademais, pela primeira vez o BALTOPS foi um exercício naval e não anfíbio: ambos os grupos navais do Norte participaram, aumentando sua interoperabilidade. O Primeiro Grupo Naval Permanente (SNMG1) liderou uma *task group* de cinco navios vindos de quatro países e o Primeiro Grupo de Contramedidas de Minas Permanente (SNMCMG1) comandou uma *task unit* de sete navios provenientes de cinco países.

Apesar de exercícios militares terem sido anulados ou reduzidos neste ano devido à pandemia de COVID-19, a OTAN concluiu o BALTOPS e a Rússia igualmente realizou exercícios militares neste mesmo período, assim como nos anos anteriores. Estes envolveram caças *Su-24* e *Su-30* simulando ataques contra alvos navais no Mar Báltico e uma sessão de treinamento de ataques com o seu sistema móvel de mísseis balísticos *Iskander* no exclave de Kaliningrado. Estima-se que este é capaz

de lançar mísseis *SS-18 Satan*, considerados por alguns especialistas superiores aos mísseis *Minuteman-3* dos Estados Unidos, pois podem mudar sua trajetória dependendo do grau de ameaça, como um míssil de cruzeiro.

O uso deste sistema e essa militarização gera um aprofundamento da insegurança regional e da escalada de tensões entre a OTAN e a Rússia, o que revela um aumento da importância estratégica que o Mar Báltico vai desempenhar nos próximos anos para a estabilidade do continente europeu.



O controle de Socotra e os recentes acontecimentos na guerra civil iemenita

Ana Luiza Colares

Palco da maior crise humanitária mundial em andamento, o conflito no Iêmen abarca alianças cada vez mais complexas. Atualmente, a guerra possui três atores principais: os rebeldes *houthis*, apoiados pelo Irã; as forças governamentais, reconhecidas pela Organização das Nações Unidas (ONU) e apoiadas pelos sauditas; e as forças separatistas do sul, lideradas pelo Conselho de Transição do Sul (STC, em inglês) e financiadas pelos Emirados Árabes Unidos (EAU). Desde julho de 2019, a reemergência do STC como oposição ao governo modificou bruscamente o conflito, causando uma ruptura na coalizão militar liderada pela Arábia Saudita, até então apoiada pelos EAU, na luta contra os *houthis*.

Em 20 de junho, um mês após ter declarado autogoverno nas províncias do sul do Iêmen, o STC assumiu o controle da estratégica Ilha Socotra — localizada próxima à costa do Iêmen e da Somália —, a qual já abriga forças militares dos EAU desde 2018, além de investimentos massivos em infraestrutura da petromonarquia no território. Uma vez que Socotra encontra-se em uma das principais rotas comerciais globais e em uma região fragilizada, o controle da ilha é considerado vantagem geopolítica frente à segurança marítima da região. No dia 24, contudo, o STC e as forças governamentais acordaram um cessar-fogo na cidade de Abyan, no sul do país e ao leste de Áden — cidade portuária e principal ocupação das forças separatistas —, explicitando uma possível trégua entre as partes em conflito.

Ademais, salienta-se o protagonismo comercial desta principal rota marítima entre Oriente Médio e Europa,

citando a média de aproximadamente 6,2 milhões de barris de petróleo por dia que transpassaram o Estreito de Bab el-Mandeb, em 2018, sendo, desta forma, crucial seu monitoramento para a fluidez do comércio marítimo e da segurança regional, como, por exemplo, mediante a atuação da Força-Tarefa Combinada 151 (CTF151) no Golfo de Áden.

Segundo a ONU, 4 em cada 5 iemenitas dependem de ajuda humanitária para sobrevivência. Contudo, foi anunciado que 30 dos 41 programas apoiados pela ONU no Iêmen encerrariam suas atividades se fundos adicionais não fossem garantidos. Desde então, a Arábia Saudita protagoniza esforços de arrecadação dos US\$ 2,41 bilhões necessários para o financiamento de assistência, em uma clara tentativa de reparar sua imagem global, cada vez mais questionada internacionalmente. Enquanto isso, a população clama por um cessar-fogo geral que encerre por completo as disputas.



RÚSSIA & EX-URSS

A reunião trilateral Rússia-Índia-China e o Triângulo Estratégico de Primakov

Pérsio Glória de Paula

No dia 23 de junho, foi realizada uma videoconferência no âmbito trilateral Rússia-Índia-China (RIC) que reuniu os ministros das Relações Exteriores dos três países. Além disso, Moscou também recebeu os ministros da Defesa de ambos para a parada do Dia da Vitória, no dia 24 do mesmo mês. Apesar destes encontros não estarem relacionados diretamente com as recentes tensões fronteiriças sino-indianas, eles serviram para estabelecer o primeiro canal de diálogo entre as duas potências após os confrontos. A Rússia tem desempenhado um papel

ativo na retomada do diálogo entre China e Índia, já que a articulação com essas potências atende interesses geopolíticos e sistêmicos de Moscou.

Tanto a Índia quanto a China são parceiros estratégicos para o Kremlin. A parceria indo-russa detém raízes históricas: o país não só é um dos principais importadores de armamentos russos, como também detém uma profunda estrutura de cooperações científicas e militares. Inclusive, depois da crise com a China, a Índia anunciou a possibilidade de adquirir da Rússia vinte caças de >>>

superioridade aérea *MiG-29*, em caráter de urgência. Já a China é a maior parceira comercial da Rússia, com destaque para as exportações do setor energético. Apesar da recorrência histórica de tensões, a atual e crescente parceria estratégica sino-russa é conveniente para conter as pressões dos Estados Unidos.

As relações com estes países foram um dos pilares que permitiram à Rússia resistir às sanções ocidentais e furar o isolamento internacional após a crise ucraniana de 2014, com a política de “virada para o Oriente”. Os países são membros em diversas organizações e grupos de diálogos que vão além da questão comercial

e demonstram uma articulação internacional também com impactos geopolíticos, como BRICS, a Organização para Cooperação de Xangai (OCX) e agora o RIC. Essa articulação tem raízes no Triângulo Estratégico de Primakov, elemento da política externa russa da década de 1990, que previa um concerto entre potências eurásianas para o balanceamento das aspirações unipolares dos Estados Unidos. Com a atual crise do ordenamento internacional, a articulação desse trio atende também aos interesses de Moscou de se firmar como um dos centros de poder em uma ordem internacional multipolar vindoura.



Rússia declara estado de emergência após derramamento de óleo na Sibéria

Luiza Guitarrari

No dia 29 de maio, um enorme derramamento de óleo ocorreu no rio Ambarnaya, no norte da Sibéria, contaminando uma área de 180.000 metros quadrados, segundo a agência de notícias *TASS*. O vazamento de pouco mais de 20.000 toneladas de combustível foi causado quando um tanque de armazenamento desmoronou na usina *Norilsk-Taimyr Energy Company*, subsidiária da mineradora *Norilsk Nickel*. Devido às proporções do dano e aos impactos no ecossistema ártico, em 03 de junho, o presidente russo Vladimir Putin abriu um Comitê de Investigação e declarou estado de emergência na região de Krasnoyarsk, no que está sendo considerado o pior desastre de produtos petrolíferos da região.

Após a declaração, o chefe de unidade da usina termelétrica foi detido e equipes de resgate foram enviadas ao entorno de Norilsk, incluindo um grupo do Ministério de Emergência e outro da Agência de Transporte Marítimo e Fluvial. Os serviços de resgate implementaram barreiras para isolar o afluente do rio Ambarnaya, o Lago Pyasino. Este, por sua vez, alimenta o rio Pyasina, que deságua no mar de Kara, importante braço do Ártico russo. Assim, conforme alegações do Ministério de Emergências, o derramamento foi contido e cerca de 32.000 metros cúbicos de água poluída por combustível foram removidos e armazenados em tanques herméticos.

Considerada uma das mais remotas e poluídas cidades industriais russas, Norilsk abriga a maior produtora mundial de níquel e paládio, a empresa *Nornickel*. Localizada acima do Círculo Polar Ártico, a cidade não possui conexões ferroviárias com o resto da Rússia, sendo construída em cima de *permafrost*, o qual pode ser danificado a longo prazo. Tendo em vista que o diesel reduz o ponto de congelamento da água, os danos atuais podem desencadear a aceleração de degelo, liberando toneladas de dióxido de carbono no processo.

Com cerca de 65% do território coberto por *permafrost* e considerado o quarto maior emissor de gases de efeito estufa, a Rússia adotou formalmente o Acordo Climático de Paris no final do ano passado. Visto que a reestruturação do ecossistema local, segundo estimativas do *Greenpeace Russia*, poderia levar mais de uma década e com dano ambiental superior a US\$ 1,4 bilhão, Moscou tem sofrido pressões pela notificação tardia do desastre dentro de uma das suas principais prioridades políticas, o Ártico.



LESTE ASIÁTICO

O Esquadrão de Operações Espaciais do Japão

No dia 18 de maio, ocorreu em Tóquio o evento de Nativização do Esquadrão de Operações Espaciais, a primeira unidade das forças de autodefesa japonesas a se dedicar exclusivamente a questões espaciais. Esse grupo, situado sob a égide da Força Aérea de Autodefesa do Japão e presente na base aérea de *Fuchu*, possui um contingente de vinte integrantes que será gradualmente aumentado até alcançar cem em 2023, ano em que a unidade será operacionalizada pela primeira vez. Esse esquadrão, que receberá treinamento e realizará projetos em colaboração com a Agência Japonesa de Exploração Espacial (JAXA, sigla em inglês) e o Comando Espacial Norte-Americano, tem como objetivo proteger os satélites nipônicos através da utilização de um sistema de vigilância espacial responsável pelo monitoramento de detritos espaciais e outros satélites para evitar colisões. Além disso, esse sistema é equipado com uma rede de sensores terrestres que são capazes de detectar e monitorar ameaças militares aos satélites japoneses e seu funcionamento, como, por exemplo, o uso de mísseis antissatélites ou dos chamados satélites assassinos.

A criação da força espacial vai ao encontro com as principais diretrizes definidas no Programa de Defesa de Médio Prazo (MTDP, sigla em inglês), documento

João Pedro Grilo

responsável por estabelecer as metas a serem alcançadas pelas Forças de Autodefesa no período entre 2019 e 2023, que definiu o desenvolvimento de uma força de defesa multidimensional - abrangendo o espaço, o mundo virtual e o espectro eletromagnético - como objetivo fundamental para a garantia da segurança nacional. Ademais, o desejo de assegurar a superioridade nipônica no espaço, região que começou a ser rapidamente militarizada, tem motivado uma estreita cooperação com os Estados Unidos em termos de desenvolvimento e transferência tecnológica, além de uma maior coordenação política e militar, como evidenciado pela criação do fórum bilateral *Japan-US Comprehensive Dialogue on Space*.

O desenvolvimento do setor espacial mostra-se extremamente necessário, especialmente por dois pontos: i) o rápido avanço desse setor na China e na Rússia, ambos rivais japoneses; e, ii) a importância de um aprimorado sistema espacial para a realização de operações em múltiplos domínios. Contudo, apesar do interesse na rápida evolução desse segmento, é possível que a falta de precedentes legais quanto aos limites da atuação militar japonesa nesse novo ambiente se torne um futuro entrave ao projeto.

Possível base militar chinesa nas Maldivas e os interesses indianos

João Miguel Villas-Bôas

Após a morte de 20 soldados indianos devido a escaramuças chinesas no Vale de Galwan (zona disputada entre Índia e China na região da Caxemira), a tensão bilateral foi elevada e os países de maior população do mundo precisaram moderar as reações para se evitar um conflito maior. Todavia, a despeito da histórica tensão nas montanhosas regiões do Himalaia, outra preocupação tem ocupado o governo indiano, qual seja a crescente presença chinesa no Índico. Como se sabe, a China tem objetivos claros de ampliar sua presença no oceano em questão, pois considerável parte do seu comércio internacional passa pela região.

Nova Délhi advoga há tempos que Pequim busca construir uma estrutura de bases militares que inibam a expansão do poder naval indiano. Exemplo disso é a presença militar chinesa no Paquistão, Bangladesh, Sri Lanka, Djibuti e Mianmar, arco de influência conhecido como “colar de pérolas”. A preocupação indiana aumentou com a possível construção de uma base militar chinesa na ilha *Feydhoo Finolhu* (Maldivas), alugada desde 2016 pela China. Em se concretizando tal suspeita, a Índia sofrerá um grande revés em suas ambições de controle do Índico, pois uma base militar chinesa nesta localidade tem potencial de conter a natural projeção meridional de Nova Délhi em direção ao estratégico oceano.

Com efeito, este movimento geopolítico chinês impõe à Índia uma reorganização da sua estratégia para o Índico, além de obrigar o país a repensar seus gastos militares

navais. É importante salientar que a presença militar indiana na região oceânica que a circunda resume-se a radares e postos de vigilância em Madagascar, Seychelles e Ilhas Maurício, ao passo que o poder naval chinês vem ocupando cada vez mais os pontos estratégicos do Índico e adjacências, como Golfo de Áden (Djibuti), de Bengala (Ilhas Coco), sul da Índia (Sri Lanka) e agora Maldivas. Não obstante, é importante frisar que enquanto o governo indiano encontra dificuldades orçamentárias em empenhar grandes gastos direcionados à força naval – amplamente justificados considerando as ameaças potenciais e a posição geopolítica do país –, a China segue seu firme projeto de expansão do poder naval.



SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Austrália: pandemia, economia e perspectivas futuras

Thayná Fernandes

As tensões entre Austrália e China sobre a COVID-19 ultrapassaram as questões sanitárias e atingiram, principalmente, o setor econômico, conforme abordado em recentes edições deste Boletim. Em junho, a novidade foi o encontro virtual entre o premiê indiano Narendra Modi e seu homólogo australiano Scott Morrison, demonstrando as tentativas australianas de depender menos dos chineses.

Atualmente, a Índia tem estado envolvida em diversas disputas territoriais na fronteira com a China; em contrapartida, vem se aproximando cada vez mais da Austrália. No início deste mês os dois governos

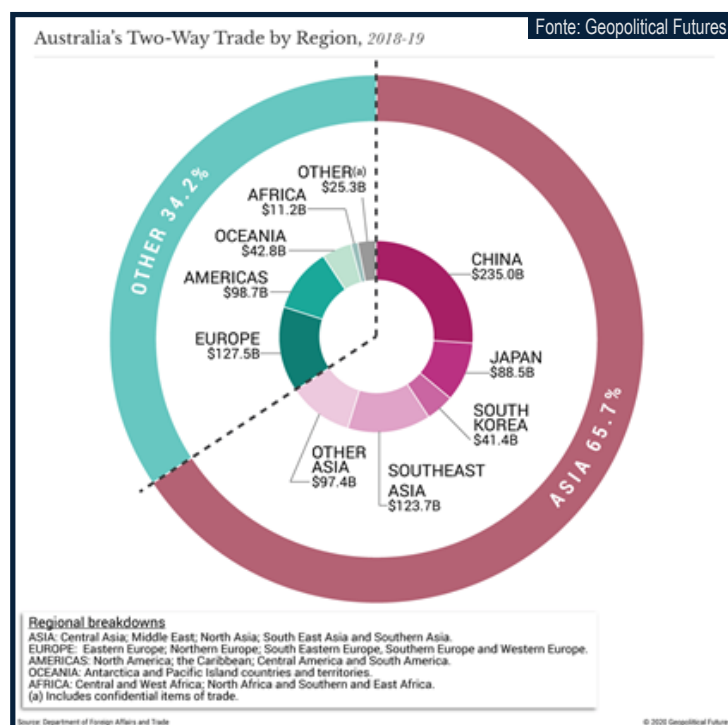
publicaram um breve documento intitulado Declaração Conjunta sobre Cooperação Marítima no Indo-Pacífico: foram nove pontos destacados nos quais as duas nações afirmaram seu compromisso em “promover a paz, segurança, estabilidade e prosperidade na região indo-pacífica”, além disso, afirmaram seu “interesse compartilhado em garantir a liberdade de navegação e sobrevoo na região do Indo-Pacífico e em manter rotas marítimas abertas, seguras e eficientes para transporte e comunicação”; o documento também abrange iniciativas na preservação de recursos naturais marítimos. Cabe ressaltar que, juntamente com este país asiático, Estados »

Unidos e Japão, a Austrália já fez parte da parceria de segurança quadrilateral; no momento atual, é do interesse australiano retomá-la.

Ainda no início do mês, Scott Morrison implementou novas medidas aos investimentos estrangeiros, objetivando que o Tesouro possa solicitar investimentos não-capturados nos setores de serviços públicos sensíveis, defesa, energia e telecomunicações, caso acredite na possibilidade de ameaça à segurança nacional, além de poder impor condições às aplicações externas. Essas mudanças visam evitar investimentos como o *leasing* do Porto de Darwin: em 2015, com uma oferta de US\$ 506 milhões, uma empresa chinesa arrendou-o num contrato de 99 anos; setores do governo estão pressionando pelo cancelamento do acordo, argumentando ameaça à segurança nacional. Essa região é estratégica aos australianos, tanto a nível econômico quanto securitário: é onde se concentra a força rotativa de Fuzileiros Navais norte-americanos, parte do Comando do Indo-Pacífico dos EUA.

Embora Pequim tenha como principal forma de retaliação as sanções econômicas, Camberra está diversificando parcerias, além de aprofundar laços com Estados Unidos e Japão, fazendo parte do projeto

Blue Dots. Ainda assim, a Austrália precisa ter bastante cuidado se pretende salvar de fato sua economia num cenário cada vez mais delicado e desfavorável.



Aumentam as tensões entre China e Vietnã

As incursões chinesas no Mar do Sul da China (MSC) não só se mostram contínuas como também vêm apresentando maior hostilidade nos últimos meses, com afundamentos de barcos de pesca de países vizinhos, navegação de navios militares em mar territorial estrangeiro e até mesmo criação de novas zonas administrativas em pleno MSC ([Boletim 115](#)).

Dentre os países da região, o Vietnã é um dos que mais possui episódios de conflito com embarcações chinesas, sobretudo em virtude de sua localização. Ambos disputam a territorialidade das Ilhas Paracel e parte das Ilhas Spratly, onde se tem conhecimento da presença de recursos minerais e energéticos.

Com o foco voltado para o combate à COVID-19, há uma paralisação do desenvolvimento do Código de Conduta para o Mar do Sul da China, conforme tenta a ASEAN há anos, embora sem sucesso. Para Hanói, a ausência de um acordo regional, bem como a incapacidade de fazer frente a Pequim no escopo militar, tornam cada vez menores as suas opções. Diante disso, aumentam as especulações de que o país estaria se preparando para uma ação contra a China no Tribunal de Haia.

Matheus Bruno Pereira

O movimento já foi realizado uma vez, em 2013, pelas Filipinas, que entrou contra a reivindicação da China, dita histórica, das *Nine Dash Line*. Escorrandose na UNCLOS, o questionamento de Manila invalidou, inclusive, as ilhas artificiais criadas por Pequim, mantendo, desta forma, as medidas tomadas no campo diplomático. Embora provavelmente a China não venha a respeitar possíveis medidas (como fez com as Filipinas), ainda assim seria capturada uma atenção da comunidade internacional, abalando a imagem zelada pela China de cooperação.

Diante disso, a viabilidade de uma aproximação com os EUA também pode ser vislumbrada, sobretudo com a nova abordagem para parcerias no Livro Branco do Vietnã de 2019 que, apesar de manter a busca pela neutralidade e não alinhamento, abre espaço para amizades estratégicas. Tal medida poderia fornecer novas oportunidades, como a aproximação de interesses com o *Quad Four*, formado pelos EUA, Japão, Austrália e Índia. Apesar da ausência de confirmação sobre quaisquer uma dessas ações até o momento, fica visível a necessidade de Hanói traçar uma estratégia contra o forte avanço de Pequim.

Noruega ratifica acordo internacional sobre pesca no Ártico

Laila Lorenzon

Em outubro de 2018, na Groenlândia, nove países e a União Europeia (UE) assinaram um acordo para impedir a pesca não regulamentada no alto mar do Oceano Ártico, tendo sido esse um dos maiores esforços coletivos para preservar a fauna e a flora da região. O acordo foi negociado pelos cinco estados costeiros que fazem fronteira com o Mar Ártico: Canadá, Dinamarca, EUA, Noruega e Rússia, bem como os cinco atores remotos da pesca: China, Coreia do Sul, Islândia, Japão e UE. Até o momento, apenas sete signatários ratificaram o acordo – tendo sido a Noruega o mais recente deles – e a resolução somente entrará em vigor 30 dias depois que todos os dez participantes o ratifiquem - faltando apenas a China, a Dinamarca e a Islândia o fazerem.

O acordo cobre um período de 16 anos no qual fica proibida a pesca comercial para possibilitar que pesquisas científicas sejam conduzidas e se aprenda mais da vida marinha e recursos naturais da região ártica, para que medidas de gerenciamento mais adequadas sejam elaboradas. Desse modo, os países que o ratificarem se comprometem a não permitir que seus navios de

pesca realizem atividades em águas internacionais até que medidas internacionais sobre a pesca tenham sido acordadas. Além disso, deverão se comprometer a se ater ao conhecimento indígena e local, cooperar em termos de ciência e pesquisa no Oceano Ártico central, estabelecer medidas apropriadas de conservação e gerenciamento, e garantir o engajamento e participação de povos indígenas do Ártico.

Além dos países signatários, o processo decisório e de negociação foi feito em conjunto com povos indígenas do Ártico, da indústria pesqueira e grupos ambientalistas. Mesmo ainda não estando em vigor, esse acordo representa um grande avanço na proteção dos recursos naturais da região do Ártico e uma crescente preocupação com a questão do aquecimento global. Parte das pesquisas internacionais a serem realizadas terão foco nos efeitos das mudanças climáticas nos ecossistemas do Ártico. Dentre os países que já o ratificaram estão os Estados Unidos, o que pode ser visto como uma mudança positiva no posicionamento estadunidense perante pautas de mudança climática e sustentabilidade.

Os EUA entram na corrida polar com os novos navios quebra-gelos

Gabriele Hernandez

Como forma de reafirmar sua presença nos polos, o presidente norte-americano Donald Trump lançou em 09 de junho um memorando que planeja preservar os interesses estadunidenses no Ártico e na Antártica. O documento envolve primeiro um plano, a ser elaborado dentro de 60 dias, para a construção de pelo menos três navios quebra-gelos de grande porte e outros três de porte médio, até 2029.

Os EUA evidenciaram seu interesse pela Antártica na primeira metade do século XX, conforme se acirrava a corrida entre os sete países que reivindicam porções do continente para si – Argentina, Austrália, Chile, França, Noruega, Nova Zelândia e Reino Unido. Tanto EUA, quanto Rússia, por ocasião da assinatura do Tratado da Antártica (1959) reservaram o direito de reivindicar sua parte caso achem necessário, mas o fato não só não ocorreu, como o interesse dos EUA estava em toda a Antártica, não em pequenas porções. O empecilho era, e ainda é, entrar em conflito com os interesses de países aliados que se consideram soberanos sobre tais regiões. Hoje o país possui três estações permanentes (*McMurdo*, *Amundsen-Scott* e *Palmer*) e somente um navio quebra-gelo de grande porte.

Além dos vastos recursos naturais que a Antártica dispõe, o continente e o Oceano Austral estão localizados em uma região estratégica, garantindo passagem entre os Oceanos caso haja bloqueios no Canal do Panamá e Estreito de Suez e a impossibilidade de trafegar pelo Ártico. O memorando lançado pelo presidente Trump leva em consideração a importância que as regiões polares desempenham para a projeção de poder de seu país, e a corrida travada por China e Rússia em direção aos extremos do planeta. Os russos dispõem de quatro estações permanentes e cinco temporárias na Antártica, e a maior esquadra de navios quebra-gelos do mundo, com 40 embarcações já operando, e outros 13 em construção, sem falar em diversas instalações pelo Ártico russo. A China, que possui várias parcerias com a Rússia em exploração mineral no Ártico e uma estação de pesquisa no Arquipélago norueguês de Svalbard, está construindo sua quinta estação antártica e já possui dois quebra-gelos de grande porte.

Muitos analistas afirmam que, no momento, o mais poderoso país do planeta encontra-se em desvantagem com relação à disputa geopolítica nas regiões polares. Vamos ver por quanto tempo.

Regulação de navios autônomos

Alessandra Brito

Em 17 de junho de 2020, Eero Lehtovaara, chefe de assuntos regulatórios e públicos da *ABB Marine & Ports*, empresa líder em tecnologia, deixou claro que o setor marítimo precisa de uma estrutura reguladora em relação aos navios autônomos. Através do conceito de Indústria 4.0, começou-se a discussão de questões sobre dispositivos inteligentes, dotados de inteligência artificial (IA), dentre outros. Nesse cenário, aponta-se que a navegação autônoma pode desempenhar um importante papel no futuro do setor.

Um navio autônomo é capaz de navegar sem o ser humano a bordo para conduzir. Sendo assim, a discussão sobre a regulação dos navios autônomos foi iniciada na 99ª sessão do Comitê de Segurança Marítima (MSC 99) da Organização Marítima Internacional (IMO, em inglês) e, assim, começaram os grupos de estudos para regulamentação de Navios Marítimos Autônomos de Superfície (MASS, sigla em inglês). Posteriormente, durante a 101ª sessão, realizada em junho de 2019, o Brasil enviou uma delegação composta por diversos representantes da área e foram discutidos assuntos relativos ao Regulamento Internacional para Evitar Abalroamento no Mar (RIPEAM) e Convenção

Internacional para Salvaguarda da Vida Humana no Mar (SOLAS, em inglês), que deverão ser revisadas com a introdução desta nova tecnologia.

A aliança *One Sea*, da qual o capitão Lehtovaara é presidente, pretende representar os fornecedores de tecnologia de automação à medida que novos regulamentos forem elaborados tanto em nível internacional, pela IMO, quanto em nível local pelos Estados de bandeira. O consórcio de 12 membros inclui nomes como *Wartsila* e o fornecedor de satélite marítimo *Inmarsat*. Já existe um navio autônomo em uso, mas para fins militares: o *Sea-Hunter*, da Marinha norte-americana. Diversos países já estão envolvidos com projetos de navios autônomos. Uma grande iniciativa é aguardada ainda para 2020, com a parceria entre as norueguesas *Yara International* e *Kongsberg* para o lançamento do navio *Yara Birkeland*, que é o primeiro navio contêiner autônomo e de emissão zero do mundo. Devido à pandemia da COVID-19 e à mudança de perspectivas globais, o desenvolvimento do projeto está interrompido e a empresa ainda está avaliando os próximos passos.



Fonte: Yara International

- ▶ [The China “Constraintment” Doctrine](#)
PROJECT SYNDICATE, Chris Patten
- ▶ [India Is Operating World’s Fastest Expanding Nuclear Weapons Programme](#)
MODERN DIPLOMACY, Zain Moeed
- ▶ [Implausible Deniability: Russia’s Private Military Companies](#)
CARNEGIE, Paul Stronski
- ▶ [Trump Is Playing Election Games With Us Troops In Germany](#)
DEUTSCHE WELLE, Bernd Riegert
- ▶ [How Hegemony Ends](#)
FOREIGN AFFAIRS, Alexander Cooley e Daniel H. Nexon
- ▶ [The Questionable Future Of Amphibious Assault](#)
BROOKINGS, Michael E. O’hanlon
- ▶ [Win Without Fighting](#)
U.S. NAVAL INSTITUTE, Hunter Stires
- ▶ [How A Global Ocean Treaty Could Protect Biodiversity In The High Seas](#)
THE CONVERSATION, Jennifer Silver; Leslie Acton; Lisa Campbell e Noella Gray

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

JULHO

- 04** "Salut to America" - Parada do dia da independência estadunidense
- 05** Eleições presidenciais na República Dominicana
- 12** 2º turno das eleições presidenciais da Polônia
- 19** Eleições parlamentares na Síria
- 22** Lançamento da Missão Mars 2020 Rover da NASA
- 23** Lançamento da Missão chinesa Tianwen-1 para Marte
- 31** Fim das sanções econômicas impostas pela União Europeia sobre a Rússia

AGOSTO

- 09** Eleições presidenciais na Bielorrússia
- 17-31** Exercício militar RIMPAC 2020
- 25-30** 41ª Assembleia Geral da Assembleia Interparlamentar da ASEAN (Ha Long, Vietnã)

REFERÊNCIAS

- **Acordo Mercosul-União Europeia e a geoeconomia global**
LEERING, Raul. [Dutch rejection of Mercosur now threatens wider EU trade deals](#). ING THINK Economic and Financial Analysis, 03 jun. 2020. Acesso em: 07 jun. 2020.
ZHANG, Ganyi. [A connection crossing the Atlantic: The EU-Mercosur free trade agreement](#). Uply, 23 ago. 2019. Acesso em: 23 jun. 2020.
 - **Ataques no Golfo do México preocupam petrolíferas**
[Los ataques de “piratas” volvieron al Golfo de México](#). INFOBAE, 26 abr. 2020. Acesso em: 25 jun. 2020.
SEMPLE, Kirk; FISHER, Steve. [Piracy Surges in Gulf of Mexico, Prompting U.S. Warning](#). The New York Times, 18 jun. 2020. Acesso em: 25 jun. 2020.
 - **Walvis Bay entre a projeção estratégica da Namíbia e a aproximação da China**
BOWE, Rudi. [New Container Terminal Inaugurated](#). Namib Times, 06 ago. 2019. Acesso em: 25 jun. 2020.
GBADEGESIN, Tariye. [Africa must assume its place in the global battery race](#). The Africa Report, 07 jan. 2020. Acesso em: 26 jun. 2020.
 - **O processo de construção de paz sustentável sudanesa e os próximos passos das Nações Unidas no país**
ADAM, Ahmed H. [Sudan needs a UN peacekeeping mission](#). Al Jazeera, 16 maio 2020. Acesso em: 08 jun. 2020.
ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. [UNITAMS: united nations integrated assistance mission in sudan](#). Assuntos Políticos e de Construção da Paz, 04 jun. 2020. Acesso em: 12 jun. 2020.
 - **BALTOPS 2020: o Mar Báltico entre a OTAN e a Rússia**
KITOVA, Christina. [Russia Conducts Naval Exercise Amid BALTOPS 2020](#). Communal News, 16 jun. 2020. Acesso em: 27 jun. 2020.
[Exercise Defender 20: reinforcing what, exactly?](#). International Institute for Strategic Studies (IISS), 20 mar. 2020. Acesso em: 13 jun. 2020.
 - **O controle de Socotra e os recentes acontecimentos na guerra civil iemenita**
[Yemeni separatists seize island of Socotra from Saudi-backed government](#). The Guardian, 21 jun. 2020. Acesso em: 25 jun. 2020.
[UN, Saudi Arabia seek to raise \\$2.41bn for war-torn Yemen](#). Al Jazeera, 02 jun. 2020. Acesso em: 11 jun. 2020.
 - **A reunião trilateral Rússia-Índia-China e o Triângulo Estratégico de Primakov**
[Russia, India, China to oppose destructive actions of other states, says Lavrov](#). Tass, 23 jun. 2020. Acesso em: 27 jun. 2020.
[India eyeing purchase of 20 Mig-29 jets from Russia](#). Tass, 19 jun. 2020. Acesso em: 27 jun. 2020.
 - **Rússia declara estado de emergência após derramamento de óleo na Sibéria**
BAKER, Sinéad. [A Russian mining company spilled 20,000 tons of oil in the Arctic Circle, turning a river red and enraging Putin](#). Business Insider, 04 jun. 2020. Acesso em: 11 jun. 2020.
LOMBRANA, Laura; FEDORINOVA, Yuliya. [Giant Spill in Russia Offers a Glimpse of the Arctic's Future](#). Bloomberg Green, 06 jun. 2020. Acesso em: 11 jun. 2020.
 - **O Esquadrão de Operações Espaciais do Japão**
KOSUKE, Takahashi. [Japan sets up its first “Space Operations Squadron”](#). Janes, 18 maio 2020. Acesso em: 09 jun. 2020.
JOHNSTON, Eric. [Japan’s new space squadron takes a giant leap forward](#). The Japan Times, 02 jun. 2020. Acesso em: 10 jun. 2020.
 - **Possível base militar chinesa nas Maldivas e os interesses indianos**
SRIVASTAVA, Armaan. [Chinese Military Base In The Indian Ocean Near Maldives To Complete “String of Pearls” Around India?](#). The Eurasian Times, 27 jun. 2020. Acesso em: 28 jun. 2020.
SUTON, H. I. [India’s Submarines Make Strategic Move to Dominate Indian Ocean](#). Forbes, 20 jun. 2020. Acesso em: 28 jun. 2020.
 - **Austrália: pandemia, economia e perspectivas futuras**
BURKE, Kelly. [Foreign investments to face tough new test in Australia](#). 7News, 04 jun. 2020. Acesso em: 13 jun. 2020.
MCDONALD, Joshua. [Amid Escalating Tension With China, Australia and India Strengthen Partnership](#). The Diplomat, 12 jun. 2020. Acesso em: 13 jun. 2020.
 - **Aumentam as tensões entre China e Vietnã**
HUTT, David. [Vietnam may soon sue China on South China Sea](#). Asia Times, 07 maio 2020. Acesso em: 27 jun. 2020.
DY, Quand Nguyen. [Vietnam May Turn Threats into Opportunity](#). Yale Global, 02 jun. 2020. Acesso em: 27 jun. 2020.
 - **Noruega ratifica acordo internacional sobre pesca no Ártico**
[Norway Ratifies Polar Sea Fisheries Agreement](#). High North News, 10 jun. 2020. Acesso em: 10 jun. 2020.
CANADÁ. [International Agreement to Prevent Unregulated High Seas Fisheries in the Central Arctic Ocean](#). Ministério da Pesca, Oceanos e Guarda Costeira do Canadá, 15 maio 2019. Acesso em: 10 jun. 2020.
 - **Os EUA entram na corrida polar com os novos navios quebra-gelos**
BORGER, Julian. [Trump orders fleet of icebreakers and new bases in push for polar resources](#). The Guardian, 09 jun. 2020. Acesso em: 13 jun. 2020.
CONSELHO DE GESTORES DE PROGRAMAS ANTÁRTICOS NACIONAIS. [About the United States of America’s National Antarctic Program](#). Acesso em: 13 jun. 2020.
 - **Regulação de navios autônomos**
[The Time Has Arrived for Autonomous Ship Regulations](#). Maritime Executive, 17 jun. 2020. Acesso em: 22 jun. 2020.
[Overview of the 2020 shipping regulatory landscape](#). Safety4sea, 28 fev. 2020. Acesso em: 22 jun. 2020.
- CAPA:**
[EMBARCAÇÕES DE MEMBROS DA OTAN PARTICIPAM DO EXERCÍCIO BALTOPS 2020, NO MAR BÁLTICO](#). POR: KYLE STECKLER, U.S. NAVY

O mapa intitulado “10 Principais Riscos Globais”, exposto na página 03 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e mortos) relacionados à COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa à parte, com os 10 países com maior número de infectados, e os países com maior número de infectados na África e na Oceania de acordo com o último relatório da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho e laranja de acordo com o número de casos totais.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados 10 principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

▶ ALTO RISCO:

- IÊMEN — Guerra civil e crise humanitária: [Israel's ambitions in South Yemen increase risk of conflict with Houthis](#). Middle East Monitor, 29 jun. 2020. Acesso em: 30 jun. 2020.
- LÍBIA — Escalada da guerra civil: [Libya: Haftar's forces mobilise mercenaries for Sirte battle](#). Al Jazeera, 29 jun. 2020. Acesso em: 30 jun. 2020.
- VENEZUELA — Crise estrutural: [The US and Venezuela's opposition must change tack](#). Financial Times. Acesso em: 30 jun. 2020.
- FRONTEIRA SINO-INDIANA — Escalada de conflito: [China's past border tactics, especially in Central Asia, offers India a clue](#) Indian Express, 29 jun. 2020. Acesso em: 30 jun. 2020.
- AFGANISTÃO — Incertezas no processo de paz: [Afghan security forces suffer bloodiest week in 19 years](#). VOA News, 22 jun. 2020. Acesso em: 30 jun. 2020.

▶ MÉDIO RISCO:

- SÍRIA — Tensões na região de Idlib: [Powerful islamist group intensifies crackdown on jihadists on Syria's Idlib](#). VOA News, 28 jun. 2020. Acesso em: 30 jun. 2020.
- GOLFO DA GUINÉ — Insegurança marítima conjuntural: [Purse seiner attacked, 6 crew including 5 Koreans, kidnapped, Gulf of Guinea](#). Maritime Bulletin, 24 jun. 2020. Acesso em: 30 jun. 2020.
- ESTADOS UNIDOS — Protestos em várias regiões do país: [The George Floyd protests may become a defining moment in the future of American politics](#). Business Insider, 28 jun. 2020. Acesso em: 30 jun. 2020.
- EGITO, SUDÃO E ETIÓPIA — Impasse regional sobre a barragem no Rio Nilo: [Sudan, Egypt say Ethiopia will not fill Nile dam without reaching deal](#). Reuters, 27 jun. 2020. Acesso em: 30 jun. 2020.
- MAR DO SUL E DO LESTE DA CHINA & HONG KONG — Avanço chinês sobre as regiões: [China passes Hong Kong security law, deepening fears for future](#). Al Jazeera, 30 jun. 2020. Acesso em: 30 jun. 2020.